PAULO FREIRE E DARCY RIBEIRO: REBENTOS DO MESMO TRONCO[1]

PAULO FREIRE Y DARCY RIBEIRO: BROTES DEL MISMO TRONCO

PAULO FREIRE AND DARCY RIBEIRO: SHOOTS OF THE SAME TRUNK

Candido Alberto Gomeshttps://www.orcid/org/0000-0001-8498-3785

candidoacg@gmail.com

Instituto de Estudos Superiores de Fafe

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise de dois grandes educadores, que tiveram como uma das fontes comuns a Educação Nova, fundamentada por Dewey e outros e trazida para o Brasil por eminentes educadores, como Anísio Teixeira. Ambos viveram no período de agudização da guerra fria, tinham como tônica a defesa da escola pública de qualidade renovada para todos. Ambos associaram ideias a realizações concretas. Ambos foram repelidos por regimes autoritários e tiveram que se exilar, quando sua obra ganhou renome internacional. Voltando ao seu país, prosseguiram na luta pela transformação educativa e social. Darcy Ribeiro, como vice-governador e senador, deu corpo à Educação Nova no Estado do Rio de Janeiro e na Lei geral da educação. O autor dá testemunho de sua convivência no Senado, na elaboração e aprovação desta Lei.

Palavras-chave: Democratização da educação; Filosofia da educação; História da educação; Legislação educacional; Política educativa.

RESUMEN

Este trabajo presenta una comparación de dos grandes educadores, que tuvieron como una de sus fuentes comunes la Educación Nueva o progresivismo, fundamentada por Dewey y otros y diseminada en Brasil por eminentes educadores, como Anísio Teixeira. Ambos vivieron en el periodo de agudización de la guerra fría, tenían como énfasis la defensa de la escuela pública de calidad renovada para todos. Ambos asociaron sus ideas a realizaciones concretas. Ambos fueron repelidos por regímenes autoritarios, teniendo que buscar el exilio, ocasión en que sus obras alcanzaron proyección internacional. Volviendo a su país, siguieron su lucha por el cambio educativo y social. Darcy Ribeiro, como vicegobernador y después senador, concretizó la Educación Nueva en el Estado de Rio de Janeiro y en la Ley General de Educación. El autor ofrece su testimonia de la convivencia en el Senado, en los tiempos de la elaboración y aprobación de esta Ley.

Palabras clave: Democratización de la educación; Filosofía de la educación; Historia de la educación; Legislación educacional; Política educativa.

[1]Recebido 08 junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

ABSTRACT

This paper presents an análisis between two great educators who had progressivism (New School, as called in Brazil) as one common intellectual source, founded on Dewey and other philosophers and diffused in Brazil by renowned educators, such as Anísio Teixeira. Both authors lived in a serious period of the Cold War, and they had in common the defense of the renewed public school for all. Both educators associated their ideas to the concretization of educational programs. Both were rejected by authoritarian governments and must have to exile. Returning to their country, they kept on their struggle for educational and social change. Darcy Ribeiro, as vice-governor and later senator achieved the New Education in Rio de Janeiro state, as well as the General Law of Education. The author presents his testimony of acquaintanceship at the Senate during the time of elaboration and approval of this bill.

Key words: Educational democratization; Philosophy of education; History of education; Educational legislation; Educational policy.

Darcy Ribeiro (1922-1997) e Paulo Freire (1921-1977), contemporâneos na maior parte das suas vidas, foram rebentos do mesmo tronco, a Educação Nova. Ambos eram insatisfeitos com a educação e a sociedade brasileiras, trabalhando nas teorias e nas práticas pela transformação das duas, numa trajetória de mão dupla, isto é, a educação a conduzir à transformação social e vice-versa. Ambos atuaram no arco ideológico da esquerda, embora com caminhos diversos (aliás, conforme certo dia declarou Darcy, em seu Gabinete de Senador, depois de mais uma reunião, a esquerda não conseguia se unir). Este autor ouviu e anotou a frase na agenda, pois conviveu longamente com ele ao longo do seu mandato, abreviado com o seu falecimento. Claro que esta é simultaneamente uma vantagem e uma limitação deste artigo. Vantagem pelos pormenores da convivência, embora limitação pelo viés de admiração.

De fato, ambos foram considerados “subversivos” pelo governo militar, passaram pelo exílio e outros dissabores, se bem que tivessem aproveitado para muito aprender fora do Brasil, à época um país introvertido e provinciano. Ambos também se projetaram internacionalmente, com múltiplas traduções das suas obras. Darcy era ex ministro da Educação, ex chefe da Casa Civil do presidente da República deposto, João Goulart, após um período tenso de escalada de tensões no seio da guerra fria na América Latina. Darcy também havia sido vice-diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos - INEP, quando era diretor Anísio Teixeira, também suspeito de ser perigoso por advogar a igualdade da educação para todos. Paulo Freire, por sua vez, com as raízes no Nordeste brasileiro, havia criado um “método de alfabetização” considerado “comunista” e

[1]Recebido 08 junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

"subversivo". Por quê? À época "vovô viu a uva" era uma das frases típicas das cartilhas de alfabetização para crianças e, por extensão, até para adultos. No Nordeste semiárido tratava-se de uma fruta que as camadas de menor renda jamais tinham visto e muito menos consumido.

Não surpreende que numerosos adultos das classes de alfabetização desistissem ou fossem reprovados. Inspirado, entre outras fontes, na Educação Nova, com destaque aos vínculos entre experiência viva e educação, Freire, na prática da liberdade, passou a orientar um processo que partia dos problemas de vida e das palavras mais significativas para as.os alfabetizandas.os (Freire, 1969). Com isso, emergia a "conscientização" das diferenças sociais, o que era explosivo. A conscientização era um processo de emancipação, porém também, em certas circunstâncias, pode ter resvalado para a doutrinação, em vez de cultivar o pensar e descobrir por si próprio. Daí possivelmente Freire, em *Pedagogia do oprimido* (1975), ter alertado para tais diferenças e para o risco de o oprimido se tornar também um opressor, às vezes pior que o seu antigo opressor.

A.o aluna.o como sujeito; o currículo vinculado às experiências de vida; a.o discente não como receptáculo, a receber sempre respostas, e, sim, como gerador de indagações; a.o professor.a como orientador.a e a.o aluna.o como centro da aprendizagem - estes eram elementos trazidos ao Brasil por uma figura comum a Freire e a Ribeiro: Anísio Teixeira (1900-1971). Este intelectual rompeu a sua tradição jesuítica nos contatos com a Educação Nova, no Teachers' College da Universidade Columbia, onde realizou o mestrado em educação (1929). Com esta ruptura, se tornou um dos membros, disseminadores e intérpretes da Educação ou Escola Nova no Brasil. A descontinuidade em face da raiz jesuítica simbolizava a superação de séculos de "magister dixit", no Brasil como em outros lugares do mundo. Mais ainda, Anísio Teixeira foi o defensor mais aguerrido da Educação Nova, calado por dois Estados autoritários: o Estado Novo de Getúlio Vargas (1937-45) e os governos militares (1964-1985). A sua advocacia da educação pública para todos, com igualdade e qualidade, embora fosse a essência da escola democrática nos Estados Unidos capitalistas, escandalizava numerosos grupos conservadores de uma sociedade de passado escravocrata.

Com efeito, a Educação Nova era tão revolucionária que, segundo Labaree (2010), a nova filosofia, gestada por Dewey (p. ex., 1978, 1979) e outros ao fim do século XIX, foi recepcionada nos Estados Unidos do ponto de vista administrativo, porém foi como uma flama bruxuleante da perspectiva curricular. Muito difícil abrir mão do poder de

[1]Recebido 08 junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

diretor.a e professor.a, de adulta.o, para centrar os processos educativos na.o discente, para tê-la.o como ponto de partida e não de pronta chegada.

Freire estava atento às filosofias renovadoras no Brasil, o que, para ele, era pouco. Preferiu radicalizá-las, considerando a oposição entre as classes sociais (oprimidos *versus* opressores) e entre países colonizadores e colonizados, dominadores e dominados.

E Darcy? Convivera, como vice-diretor do INEP, com o próprio Anísio, que lhe ensinou a educação – declarava ele. Os governos militares consideraram ambos "subversivos". Darcy já estava no exílio quando Freire foi preso em 1964 e, depois, seguiu também para o exterior, inicialmente na América Latina. Darcy voltou ao Brasil em 1976 e Freire em 1980, com a anistia política. Escreveu Darcy: "Eu, lá de fora, jurava: 'havemos de amanhecer'" (Ribeiro, 1995, p. 36).

Anísio, porém, não deixou o país – e sofreu a morte acidental em situação nebulosa. No INEP, o "Dr. Anísio" (Ribeiro, 1995) era o filósofo, meditava muito para decidir e parecia hesitar entre as escolhas. Darcy era pessoa de ação, animal político, com urgência em atuar, como quando, em difíceis circunstâncias, conseguiu incluir na Ordem do Dia da Câmara dos Deputados o Projeto de Lei de criação da Universidade de Brasília, diferente de quase tudo o que existia. (Ribeiro, 1995). Por isso, ficou conhecido como construtor de universidades em vários países, como continuou a ser no Brasil até aos fins da vida. Darcy foi o último expoente da Escola Nova (Bomeny, 2001), cujo ideário o inspirou em suas obras públicas, inclusive o Projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Com efeito, para Darcy até ao fim da sua vida, Anísio era o seu filósofo da educação (Ribeiro, 1995). Assim, Freire e Darcy foram rebentos do mesmo tronco, com uma linha revolucionária, a romper os laços com o passado. Eles não seguiam a ortodoxia marxista, interpretada como um caminho de mão única entre infra e superestrutura. Ao contrário, a educação para eles era profética, construía uma sociedade nova pela consciência incentivada e pela relação com a paisagem social.

Um grande educador francês, Michel Debeauvais, propôs a este autor, numa conversa de sala de espera oficial, que Freire e Illich eram proféticos. A educação não se contentava em ser um espelho distorcido da infraestrutura, ao contrário, era uma locomotiva motora de profunda transformação social. Darcy fora membro do Partido Comunista, porém o rebelde não cabia nas fôrmas da ortodoxia submetida a Moscou (outra expressão de imperialismo?). Darcy e Freire se aproximavam mais de Gramsci que

[1]Recebido 08 junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

do determinista Althusser. Ambos, Freire e Darcy localizavam-se mais próximo dos humanismos existencialista e marxista que das teorias originais, afinal respostas ao capitalismo industrial do século XIX, que se modificava constantemente. Por isso, Darcy saiu suavemente do Partido Comunista do Brasil, sem provocar as costumeiras retaliações (Gomes, 2010), como as que certos intelectuais temiam à época, ainda que tivessem de coonestar com o estalinismo. Exemplos não nos faltam. Um interessante contraste se verifica entre Sartre e Camus.

O tronco, ou parte dele, era o mesmo. Daí em diante os rebentos tomaram seus próprios caminhos intelectuais e políticos na sintonia de suas perspectivas histórico-sociais. Cada um em certa direção a partir da árvore, contudo, situados no mesmo quadrante ideológico da esquerda política, aquela mesma que, no Brasil, se dividia e pulverizava a sua atuação.

FONTES INTELECTUAIS DE FREIRE

Na atuação brasileira, antes do governo militar, Freire (1969) escreveu a obra-síntese "A educação como prática da liberdade", inspirada no pensamento social católico, no existencialismo e na Educação Nova. O homem é sujeito, agente da História, pode desenvolver relações ativas com o seu mundo. Sua relação com Deus, feita de liberdade em vez de dominação, possibilita que ele se torne sujeito da mudança, em lugar da acomodação, quando recebe uma educação crítica, voltada à ação transformadora. Por isso, a alfabetização envolve o estudo do vocabulário dos grupos sociais do alunado; a seleção de palavras geradoras, pelo seu valor fonético e significados sociais (exemplo, "tijolo" para operários da construção civil); a criação de situações existenciais características dos grupos de alunas.os e as correspondentes discussões, isto é, o diálogo. A pedagogia do monólogo é aquela, ligada aos conteúdos livrescos, em que o alunado se torna um receptáculo do saber existente e constante das obras. É o que Dewey (1979) rejeita, ao argumentar que se cava um abismo entre as experiências dos adultos e as das crianças e jovens: a vida e o saber acumulado por uns não ganha sentido em face da realidade das.os últimas.os. Em outras palavras, como esclarecerá em etapa ulterior de sua vida, se tratam crianças e jovens como objetos, quando os novos tempos as.os desafiam a tornar-se cada vez mais sujeitos e a terem voz e ação. Não é surpreendente que, sem isso, a escola perca o sentido e daí emerjam o aborrecimento, o tédio, o fracasso

[1]Recebido 08 junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

(com o baixo rendimento, a reprovação e o abandono) e a revolta. Eram os ventos da sociedade urbano-industrial a soprar intensamente já no século XIX nos Estados Unidos e dos quais brotou o movimento da Educação Nova.

Já no exílio, sua outra obra-marco é "Pedagogia do Oprimido" (Freire, 1975), lida aos milhões nos mais variados continentes. O pensamento social católico, inspirado na sua própria fé, enfatiza o papel transformador da palavra: isto é, a palavra é libertadora e salvadora ("No princípio era o Verbo [ou a Palavra]...") (Torres, 2004, Giroux, 2010, Madero, 2015). Tal libertação, conforme o pensamento da Educação Nova, depende das experiências presentes do alunado consideradas como nervo da educação. Daí, como Anísio, o valor da regionalização e descentralização educativas e da adaptação dos processos educativos às culturas locais. O ser humano como sujeito e agente traduz princípios do existencialismo como humanismo, conquanto o ser humano se liberte coletivamente.

O terceiro-mundismo inspirava os antigos isebianos[1], isto é, a tentativa de alguns próceres no sentido de o *Tiers Monde*, como o *Troisième État* da sociedade estamental francesa pré-revolucionária, constituir um bloco independente daqueles que se opunham na guerra fria, capitalistas *versus* socialistas. Com a cosmopolitização da obra de Freire, este ideário foi aplicado a países africanos recém independentes, se bem que com modesto sucesso. As raízes no Brasil e América Latina eram muito profundas para identificar-se com outras realidades políticas e culturais tão diversas entre si.

Nesta segunda fase, do exílio e da "Pedagogia do Oprimido", outra obra-síntese, Freire (1975) denota intensa influência da teologia da libertação, do existencialismo e do marxismo, estes últimos como humanismos (Sartre, 1966: 194 ss.). A tensão entre as classes sociais é mais acentuada, bem como os conceitos de sujeito e objeto. Daí emerge mais nitidamente o conceito de pedagogia bancária, em que a escola deposita conhecimentos no alunado, como objeto, e "cobra" a sua devolução nos exames. Desse modo, a educação, dialeticamente, constitui não apenas um processo reprodutor da ideologia, como também, pelo avesso, um processo suscetível de ser transformador e

[1] O Instituto de Estudos Brasileiros (ISEB) foi criado em 1955, antes da presidência de Juscelino Kubitschek, corporificando o nacional-desenvolvimentista independentista, do qual emergiu o programa governamental de Kubitschek. Ao aproximar-se 1964, o ISEB se radicalizou, no seio da acerba luta ideológica da guerra fria, de modo que os "intelectuais moderados" o deixaram. Foi extinto pelo governo militar em 1964 e seus professores, além de três ex presidentes da República, e outros políticos, foram alvo de inquérito policial-militar.

[1]Recebido 08 junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

revolucionário. Se o objeto aluno não passava de mero receptor, pelo monólogo, os seres humanos coletivamente poderiam ser sujeitos da mudança e da revolução. O objeto, visto como coisa, tanto pode ser o aluno sob a espada de Dâmocles da reprovação, caso sua devolução seja inadequada, como pode ser o alvo da propaganda e publicidade da cultura de massa quanto também do populismo, para votar em candidatos cuja ação, apesar de apelativa, será deletéria para as.os cidadãs.ãos. Em casos extremos, pode ser também a população civil de Bucha, na Ucrânia, ou de Nanquim, na Segunda Guerra Mundial ou – por que não, do Holocausto no III Reich e tantos outros genocídios. Se, para a educação bancária, a.o aluna.o é simples depositária.o, a população civil desarmada, como os criminosos reais ou pretensos nas cidades, ou, ainda, a população de rua pode ter o significado apenas de estorvo à ação de alguém, interessado em vingar-se de resistentes e excluídos, alguém que recebe ordens de agentes "superiores" para executar operações, por sua vez, também objetos de objetos hierarquicamente superiores. A relação objetal implica a desumanização, embora o oprimido, em rebelião contra ela, possa restaurar a condição humana dos opressores.

Em contraste com a educação conscientizadora, Giroux (2010) salienta o caráter padronizador, acrítico, da orientação para o mercado do capitalismo "liberal", a transformar pessoas em consumidoras/produtoras. Varre-se o raciocínio crítico, a reflexão, a criação e as possibilidades de ação quando o "bem sucedido" (para poucos que lucram, em um mundo com a renda cada vez mais concentrada) paradigma do mercado que embebe a realidade social e as instituições, como o Estado (Musso, 2019). Então, a educação deixa de ser um bem público para ser um bem privado, a ser pago na medida dos custos e benefícios para o indivíduo. Eis como se instala a universidade como fábrica mecanizada de conhecimento (Aronowitz, 2000) e se estabelece a espoliação da "mão-de-obra docente". Então, o processo educativo fragmenta os currículos em "habilidades", "competências socioemocionais" e outras fôrmas para a obediência e o enquadramento na suposta empregabilidade.

Estas são tendências amplamente verificadas no Brasil e muitos outros países. Os Acordos de Bolonha, se buscarmos as raízes e motivações, partilham das inspirações deste paradigma de mercado. Daí o aumento do número de alunos por turma, elevando a mais valia extraída do trabalho docente; a utilização incauta de tecnologias de ensino "remotas", para reduzir os custos de quem "fabrica"; a relegação das ciências humanas aos últimos escaninhos dos currículos; a conversão do professor em "copista" a distância,

[1]Recebido 08 junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

seguindo modelos compulsórios; a padronização de materiais e salas de aula, como a universalização dos métodos nas Revoluções Industriais (quanto maior padronização, menores os custos); os exames de conhecimentos padronizados e quantificados; a fixação de metas e as pressões e o assédio para cada um atingi-las (De Gaulejac, 2007). O "admirável" mundo novo é uma distopia mecanizadora, com o concurso de tecnologias mais caras, diante da utopia de Freire.

QUEM FOI DARCY?

A documentação histórica e as vivências mesclam aqui objetividade e subjetividade, como já assinalamos. Tendo convivido pessoalmente com ele a partir de 1991, as impressões eram as de uma pessoa madura, muito preocupada com a encarnação das suas utopias que na direta contestação da ordem tradicional. Apesar de revolucionário e descontente com o estado de coisas, aprimorava-se em continuar um legado. Preocupava-se com a.o aluna.o pobre e negro, reprovada.o pela pedagogia "pervertida", "tarada" da repetência (anotações do autor em uma aula magna de 1993). Considerava parte das esquerdas contente com a educação brasileira e continuadora das minuciosas regulamentações que, desde a colônia, constringiam a realidade em moldes, trazidos antes da metrópole, depois importados dos mercados na globalização.

Quando a realidade ia ao forno, a massa transbordava na sua inconformidade, esparramava-se e se esparzia. Ao grupo de assessores do Senado, do corpo científico, concursado, repetia-nos um estribilho aprendido com o Dr. Anísio: "Tudo legal e tudo muito ruim". Era a advertência para nós de que a nova Lei geral da educação não deveria encerrar-se em esquemas burocráticos rígidos, em teias de normas antes oriundas dos órgãos metropolitanos da administração colonial. Estes, por falta de chão, consideravam as paisagens de Lisboa, imaginando que elas se repetiam pelas colônias nos cinco continentes. A legislação e as normas passavam a ser verniz aparente, diante dos inéditos desafios dos trópicos, os tristes trópicos de Lévi-Strauss (2001). Restaurado o Estado democrático de Direito no Brasil, estava na hora de se desenredar das peias, oferecer simplicidade e liberdade para os impulsos criativos da educação.

[1]Recebido 08 junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

É claro que, após a sua morte, o peso morto da tradição reconstituiu grande parte das teias e peias, ao ponto de a Lei geral da educação, conforme a concepção do legislador, tratasse até do que deveria ser exposto nos quadros de avisos de instituições de educação superior. A liberdade parecia um profundo vácuo, um profundo abismo cujo fundo não se vê, onde as iniciativas não podiam levar a palma sobre o regime de regras plurisseculares. É o medo à liberdade, o gosto de dominar e ser dominado pelas minudências burocráticas, em cujo labirinto tortuoso só alguns conseguem mover-se, estender os fios de Ariane e obter vantagens para poucos.

Era esta a personalidade indômita que não se vergava aos sofrimentos do câncer e agarrava-se à vida para legar ainda um pouco mais à sociedade. Poderia guardar amarguras do exílio e de humilhações nas diversas tentativas de volta ao Brasil, para eliminar um câncer no pulmão direito. Mas não: as janelas e portas estavam escancaradas para aprender, para sintonizar com as mudanças do mundo, que já era outro, diferente do início e do fim do exílio. Lutar até ao fim, mesmo que fosse vencido – e aí estava a honra de lutar: distinguir-se eticamente "daqueles que nos venceram".

Não se trata de tecer o perfil de um herói humano e enaltecê-lo *post mortem.* Estas eram as expressões dos últimos anos, subjetivas de alguns, conquanto tangíveis todo o tempo. As fragilidades humanas lá estavam, como sempre, mescladas com as grandezas de quem se atribui altos propósitos na vida pública. Se existem sombras, é que são inerentes à luz. E se existe luz é provável que projetem sombras em diversos tempos do dia e do ano.

Repetindo: quem foi Darcy? Conforme a sua própria expressão, cabia nas três peles, como de cobra: o antropólogo, cientista, junto aos índios, que nunca deixou e que jamais o esqueceram em suas pajelanças na hora da debilitação da saúde; o autor literário, que, ao contrário da razão pura da modernidade, unia as visões científica e artísticas, a partir mesmo das realidades e dramas observados, como a chamada marginalidade ou ambiguidade do índio (ou povo originário) que, uma vez aculturado, não se sente mais índio nem branco.

Ou que causa espanto ao auditório, quando narra um fato corriqueiro: sua enteada, norte-americana, uma estrangeira sociológica (Simmel, 2012) no Brasil, se fascina por um rapaz. Qual rapaz? Nem ele, nem a sua mulher distinguem o alvo do interesse da jovem, até que ela esclarece: é o rapaz da carrocinha de sorvetes. Surpresa: o rapaz,

[1]Recebido 08 junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

invisível para os nativos sociológicos, era integrante comum da paisagem cotidiana, enquanto para a jovem era foco de admiração erótica, provavelmente um negro pobre, bem apessoado. Fato difícil de um antropólogo relatar para uma plateia intelectual se fosse "politicamente correto" (Ribeiro, 1991). Contudo, não era e chamava a atenção do público intelectual "correto" sobre o que sucedia às.aos observadores comuns, mergulhados na sua cultura como peixes dentro do seu lago, muitas vezes sem olhar para os lados, para cima ou para baixo.

Darcy, na pele de educador, autor literário e político, buscou mais uma vez a concretização da utopia da Educação Nova no Rio de Janeiro. O "Dr. Anísio" já o fizera na rede escolar e na logo extinta Universidade do Distrito Federal. Fizera-o igualmente no pós-guerra no Centro Educacional Carneiro Ribeiro, de Salvador, Bahia, no Plano de Educação do novo Distrito Federal e em outros lugares, por intermédio do INEP, mais importante que o próprio Ministério da Educação, com a sua burocracia rotinizada, tradicional.

Que Freire e Ribeiro tinham em comum? Primeiro, os tempos vividos. Os dois viveram um momento de agudização da guerra fria e de tensão entre os blocos Ocidental e Oriental. Os anos 1960 foram assinalados pela crise dos mísseis em Cuba, pela Operação Pan-Americana proposta por Juscelino Kubitschek, depois pela Aliança para o Progresso, pela guerra do Vietnam e outros acontecimentos. O decênio dos 60 também abrigou a luta pelos direitos civis nos Estados Unidos, os protestos estudantis deflagrados na França em 1968 e espraiados pelo mundo, os protestos contra a guerra do Vietnam, uma revolução cultural das esquerdas e a formulação da teoria do capital humano, utilizada em tantas situações como panaceia contra as desigualdades educacionais e sociais. O Brasil era um país introvertido, parcialmente industrializado pela substituição de importações, amplamente urbanizado e de condições educacionais lamentáveis. É bem verdade que construiu em dois decênios um parque escolar físico que a Europa em industrialização levou cerca de um século.

O Brasil se inseria no mundo política e militarmente dual, com divisões políticas marcadas pela guerra fria. A presidência de Juscelino Kubitschek (1956-61) fora de contenção de conflitos políticos, com o pano do fundo de rápido crescimento econômico e ativa mobilidade social ascendente. Ao terminar o mandato, os conflitos represados durante cinco anos se destacaram no cenário (Jaguaribe, 1976). Começou a crise brasileira

[1]Recebido 08 junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

cujas contradições desembocaram no governo militar iniciado em 1964. No vulcão da guerra "fria", outros países latino-americanos viveram situações similares.

Freire e Darcy partilharam destes tempos e de raízes intelectuais comuns. Pensar e fazer era considerado uma inter complementação da responsabilidade intelectual em países menos desenvolvidos. Freire fazia suas experiências de alfabetização de adultos no Nordeste e crescia no panorama nacional. Darcy já estava na cúpula política, já pensara e fizera com Anísio e queria fazer mais ainda. Tomaram o lado das esquerdas políticas na escalada de tensões da guerra fria e viveram o exílio. Ambos voltaram ao Brasil, para retomar os trabalhos interrompidos. Darcy se manteve fiel à Educação Nova, parte da inspiração de Freire. Eleito vice-governador do Estado do Rio de Janeiro em 1982, ficou a seu cargo o programa educacional. Hora de recuperar o tempo perdido, hora de se preocupar com a escola pobre para o pobre, não raro com três ou quatro turnos, de assegurar educação de qualidade e de tempo integral, com prioridade para a população de baixa renda (o Rio de Janeiro tivera aumentadas as suas favelas, ainda mais com a crise da dívida externa da América Latina nos anos 1980).

Afinal, Darcy tinha condições de fazedor: em vez da escola pobre para pobres, reimaginou tudo: novos prédios, nova formação continuada de educadores, educação integral, numa reinterpretação da Escola Nova (Ribeiro, 1986). O projeto dos Centros Integrados de Educação Pública - CIEPs se tornou a bandeira política para a reeleição de Brizola (1922-2004) e Darcy e, por isso, a vidraça para receber as pedras da crítica. Uma política pública convertida em bandeira eleitoral apresenta graves limitações, por tornar-se foco de oposições políticas e midiáticas. Cada realização pode ser contestada com argumentos verdadeiros ou não, mas geralmente apaixonados de ambos os lados, na "acusação" e na "defesa". No primeiro governo, mais escrutinado por partidos de esquerda e de direita e pela literatura acadêmica do que o segundo (p. ex., Faria, 2017; Mignot, 2001), o Programa teve muitos problemas, como o alto custo – inesperado - e o ritmo das obras, a complexidade da manutenção dos prédios e o próprio custo por aluno, nem sempre bem estimado pelos dois lados em debate. Outra dificuldade foi a estigmatização dos CIEPs como "escolas de pobre" ou "escolas de favelados". Com efeito, em uma sociedade de passado escravocrata, como a do Brasil e outras, a pirâmide social tem cor, vocabulário e até sotaque. A sua base é morena e negra. A aparência das.os alunas.os logo sugere a sua posição social e o capital cultural. Mais ainda, parte da

[1]Recebido 08 junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

população e do eleitorado considerava que as melhores escolas não deveriam ser ocupadas por “pobres”.

Durante a difícil recessão econômica dos anos 1980, quando a crise do petróleo encontrou o Brasil e a maior parte da América Latina endividados, parte dos setores urbanos médios tivera que transferir suas.seus filhas.os de escolas particulares para públicas. Estas sofriam com a penúria de recursos financeiros e possivelmente parte do eleitorado tinha expectativas de que afinal melhorassem. Como indica a literatura, o arbitrário cultural leva os pais a escolherem colegas compatíveis para as.os filhas.os (cf., p. ex., Shin, 2022). Em contraste, recursos muito maiores eram alocados às escolas para “pobres”, “favelados” e possivelmente “marginais”, no sentido de criminosos (de fato, o tráfico de drogas ilegais se instalara nas favelas, estigmatizando-as então também pela violência). Logo, tornava-se inadequado lá matricular as.os filhas.os de classes médias. Acusava-se também de ser obra populista e demagógica, pois, nas próprias intenções, estava expresso: a.o aluna.o teria a escola de tempo integral, onde receberia alimentação, tratamento médico e dentário, praticaria educação física e voltaria para casa com o banho tomado (afinal, as instalações sanitárias de muitas sub-habitações eram e são precárias). Se este sentido podia ser interpretado como tal, de fato a história política do Estado do Rio de Janeiro está eivada destas tendências, mesmo quando as eleições para governadores eram indiretas, durante o governo militar.

Mais uma vez como porta-voz destas mensagens, uma das maiores indústrias culturais do país, sediada no Rio de Janeiro, o Grupo Globo fez marcante oposição, visando à não reeleição do mesmo governo (Charlot, & Charlot, 2021). O Grupo já sintonizava nos anos 1980 com o neoliberalismo norte-americano, naquela que seria a transição do “Estado previdência” para o Estado mínimo, não docente, mas avaliador, desonerado de muitos encargos para reduzir o déficit público, fonte de inflação.

Na verdade, a intenção de Leonel Brizola, governador, e Darcy, vice-governador, era precisamente a discriminação positiva pela educação escolar, constatada por este autor na convivência com o último. Não havia pretensão de substituir a família, porém de respeitar as suas limitações, como a de pais a trabalhar em tempo integral, dispendendo várias horas por dia nos transportes coletivos da metrópole. Tanto Brizola como Darcy se impressionaram com a escola de tempo integral no Uruguai, onde se exilaram de início, em 1964. Como o Uruguai, pequeno país, podia oferecer a todas.os a escola pública e gratuita, de tempo integral, e o Brasil se comprimia em turnos de cerca de três horas de

[1]Recebido 08 junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

duração? Ambos provavelmente discutiram o ideário da Educação Nova, haurido por Darcy com Anísio, no INEP, e é possível que esta realização tenha entrado no quadro das suas intenções quando, um dia, o Brasil se redemocratizasse e eles pudessem retornar sem ser presos.

Esta utopia reviveu no segundo governo de Brizola (1991-1994), também com Darcy, que havia ganhado as eleições para senador. A visão aérea do Estado, em 1993, patenteava a disseminação dos CIEPs por todo o território, ou seja, o mesmo Programa foi levado até à conclusão, ou perto dela, no segundo mandato. A política estadual tem sido oscilante, com a balança ora a pender para a esquerda, ora para a direita. Neste ritmo pendular prevalece o faz-desmancha-refaz, com grandes prejuízos para a coletividade e o erário público, típico da prevalência de planos de governo sobre planos de Estado. Como Brizola não conseguiu fazer sucessor ao fim dos seus dois mandatos, o Programa foi desestruturado pelas tendências *soi disant* neoliberais. Estavam em jogo, no fundo, duas concepções de Estado e de povo. Não casualmente Darcy se sentiu no imperioso dever de escrever "O povo brasileiro" (Ribeiro, 1995 a), hoje com múltiplas edições, ao enfrentar o câncer.

Por outro lado, Darcy era considerado por muitos como autoritário e por não acatar críticas. Com isso, o nosso primeiro contato, como membro do órgão científico do Senado, foi antecedido de certa prudência. Surpreendentemente, todavia, o Senador, que sabia não termos partido político (nem o dele), ouvia muito bem os argumentos da minha colega e meus. Quando dizíamos que não se poderia fazer isto ou aquilo por ser inconstitucional, a objeção era sistematicamente acatada sem sequer indagar pela fundamentação, que, aliás, já havíamos apresentado sinteticamente, para não maçar. Claro que, com senadores juristas, como Afonso Arinos, a abordagem era muito mais pormenorizada. Nossa impressão foi que argumentos bem fundamentados eram aceitos. O contrário, evidentemente, não deveria acontecer.

Depois de um período no seu Estado, o senador reassumiu o mandato e buscou oferecer contribuições como tal. Na sua visão, a educação brasileira era constrita por meandros de leis e normas, de modo que cabia repetir Anísio: "Tudo legal e tudo muito ruim". Em outras palavras, a legalidade se convertia em um verniz, uma aparência da realidade. Seu pensamento era que as escolas deveriam ser mais livres, exercer a sua iniciativa, plasticidade e dinamismo. Isto seria consubstanciado numa lei geral de educação, não pormenorizada, capaz de efetivamente conferir liberdade. Havia à época

[1]Recebido 08 junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

outro Projeto de Lei, a tramitar anos a fio na Câmara dos Deputados, considerado por Darcy "palavroso, enxundioso", que, com efeito, apresentava numerosos dispositivos inconstitucionais ou de constitucionalidade duvidosa, além de se dedicar mais à educação superior que à educação básica. Onde ficaria a educação do povo, que então estava muito longe do acesso de cem por cento? A reprovação e o abandono replicavam na pirâmide educacional os contornos da pirâmide social: retinha o alunado, de modo que, segundo o consenso de analistas, a educação média se resolveria no seu elitismo com o desrepresamento do alunado do ensino fundamental, ou seja, quando a pirâmide se alargasse significativamente. Daí a expressão da "pedagogia pervertida", da "pedagogia tarada", antes citada.

Primeiro, Darcy pediu à Assessoria um parecer profundo sobre a Proposição existente e, como consequência, Emendas que ele apresentaria por meio da liderança do seu partido. O trabalho foi efetuado, porém as Emendas encaminhadas foram ignoradas. Então, se o Senado seria a Câmara revisora desse Projeto, com poderes muito reduzidos, as mudanças poderiam ser regimentalmente recusadas pela câmara iniciadora, Darcy decidiu alterar a posição: solicitou-nos um Projeto breve, sucinto e muito ousado, passando o Senado, assim, à posição de Câmara iniciadora. Avançava para, depois, fazer concessões. Com dizem os franceses, são os "enjeux" da política. O Projeto de Lei tomou o nº 62/1992.

Com o impedimento do então presidente da República, estabeleceu-se nova correlação de forças políticas, inclinando-se para um quadrante da esquerda. O Projeto de autoria de Darcy e mais dois senadores passou à obscuridade e ao esquecimento. Darcy aceitava a derrota (antes ser derrotado que estar do lado dos que nos derrotaram), embora mantivesse acesa a chama da esperança. Raros ousavam dizer que o Projeto de Lei nº 62/1992 era o mais lúcido. Muitos apoiavam o Projeto de Lei da Câmara, que havia tido a participação da sociedade civil. Estava cheio de acordos, negociações e, no processo, crescera e se tornara obeso. A saúde de Darcy, neste interstício, piorou muito: o câncer tentava vencê-lo. Teve que ser internado no Rio de Janeiro, porém a sua indômita vontade, aliada ao senso de dever, o impeliu a empreender a fuga do hospital, amplamente noticiada pela imprensa. Continuava o rebelde de sempre. Atribuiu-se o dever impostergável de completar e publicar o livro mencionado "O povo brasileiro", que mesclava fatos com as suas utopias.

[1]Recebido 08 junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

A correlação de forças políticas mudara outra vez. Diante da inflação crescente, o ministro da Fazenda, que fora senador da República, Sr. Fernando Henrique Cardoso, elegeu-se presidente. Com um plano em parte heterodoxo, incluindo uma âncora cambial e uma nova moeda, o "indomável" processo inflacionário, após decênios, reduziu-se a casas decimais. Com isso, entre outras repercussões sociais, o imposto inflacionário teve abrupta queda. A população passou a contar com a possibilidade de planejar seus ganhos e despesas. Enfim, apesar da torcida em contrário da oposição, o plano foi bem sucedido, o que resultou em alta popularidade para os seus atores.

Ainda que eleito pelo Partido da Social Democracia Brasileira, o Sr. Fernando Henrique Cardoso, pela própria coligação partidária, tinha na agenda a responsabilidade fiscal ortodoxa, privatizações de empresas públicas e outras medidas menos populares. Na educação havia o consenso de que a prioridade de acesso e qualificação seria para o ensino fundamental, por meio, mais tarde, do financiamento à controvertida municipalização educativa (havia grande temor de os poderes locais tradicionalistas dominarem a educação). A dotação de verbas diretamente às escolas, independente de intermediários políticos, era outro ponto. Mais ainda, o aumento da qualidade e a avaliação, privilegiando mecanismos de mercado.

O Projeto de Lei da Câmara, no ano anterior (1994), recebera aprovação da Comissão de Educação do Senado, com pequenos ajustes do Relator aqui e ali. Ao chegar ao Plenário, já com a orientação de nova política, foi alvo de um Requerimento de arguição de constitucionalidade, com certeza o seu maior ponto fraco. Terminaram o ano legislativo e a Legislatura, de quatro anos, sem que o Projeto fosse discutido em Plenário. Paradoxalmente, para desatar o novelo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, as novas autoridades escolheram o Projeto de Darcy, certamente com negociações.

Durante o recesso parlamentar, Darcy não só fugira do hospital, como voltara à Capital para reassumir a sua cadeira no Senado. Ainda em más condições de saúde, foi levado a um hospital, que, em algum tempo, o deixou em condições de voltar a atuar no Legislativo. Enquanto isso, Darcy, como *zoon politikon*, fazia política do leito. Entre muitas outras, recebeu a visita do presidente da República e do seu ministro da Educação, quando aproveitou para defender o seu Projeto. Imaginemos a amplitude do acordo: presidente e ministro de orientação economicamente ortodoxa, a firmar aliança com um

[1]Recebido 08 junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

senador esquerdista e trabalhista histórico, cujo partido era membro da Internacional Socialista desde 1989, tendo como símbolo a mão fechada a segurar uma rosa vermelha.

Eis que certa manhã, este autor é convocado para visitar sozinho o senador no hospital à tarde. E lá foi surpreendido pela notícia: o Projeto voltaria à tramitação na nova legislatura, com o apoio do governo. Para isso, estando o senador internado, o assessor deveria ser o negociador de mudanças na Proposição. De nada adiantou este dizer que não era político, nunca teve mandato popular, era cientista e se sentia inapto. Darcy respondeu: "Você é a pessoa que mais entende desse Projeto. Eu estou aqui, então você precisa ir". Começou então um longo processo de conversações e mudanças consideradas viáveis, sem jamais descaracterizar o Projeto original. Felizmente, o assessor teve a ajuda de mandatários, especialmente um senador e um deputado, além de outras pessoas, como a Sra. Eunice Durham e o Sr. Célio da Cunha, então no Ministério da Educação.

Grandes mudanças na educação não podem ser impostas, não pode haver uma divisão entre "vencedores" e "vencidos". Então, a democracia se revela em toda a sua delicadeza e complexidade para tecer consensos e cada posição apresentar e representar suas perspectivas. Não havia Projeto de Lei enviado pelo Poder Executivo, como em 1948, na primeira Lei de Diretrizes e Bases. Primeiro: o Projeto de Lei da Câmara, de 1988, era de iniciativa do deputado Octávio Elísio (1940-2022). Segundo: o Projeto de Lei nº 67/1992 emergiu da iniciativa do Senado, tendo, inclusive, o incentivo do seu então presidente. Com maior frequência a Casa era revisora de Proposições oriundas da Câmara dos Deputados, inclusive aquelas originadas do Executivo. O Senado podia e precisava assumir um papel protagônico numa Lei prevista e requerida pela Constituição Federal, no exercício do seu poder de iniciativa.

Depois de várias rodadas de negociações, de cedências e avanços daqui e dali o Projeto foi ao Plenário. Antes, o presidente do Senado, numa reunião com o colégio de líderes partidários, pactuara Emendas, que precisavam ser apreciadas na velocidade usual. Darcy, com a lentidão imposta pela moléstia, pôde evitar ou alterar algumas, no entanto, o Substitutivo aprovado em primeiro turno era a própria Lei Geral de Educação. O segundo turno ratificou a decisão, seguindo o Projeto para a Câmara, agora na condição de revisora, com poderes regimentalmente limitados. O líder do Partido Democrático Trabalhista, solicitado por Darcy e orientado pela Assessoria, atuou para negociar eventuais Emendas, algumas poucas que surgiram e foram incorporadas. Afinal, em 20

[1]Recebido 08 junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

de dezembro de 1996, o Projeto recebeu a sanção presidencial sem qualquer veto. Estava aprovada a Lei Geral de Educação.

Darcy já havia retirado da clandestinidade a educação a distância pelo texto da Lei. Assim, dedicou seus últimos meses de vida à tentativa de criar a Universidade Aberta do Brasil, com vistas à promoção da igualdade com qualidade na educação superior. Para isso solicitara em 1993 o estudo de algumas experiências europeias: a pioneira, da Open University do Reino Unido; a Universidade Aberta de Portugal e a Universidad Nacional de Educación a Distância da Espanha, todas com o intuito de serem qualificadas e mais eficientes e efetivas que a educação convencional. Em outras palavras, a temida educação a distância deveria primar pela qualidade e pela promoção da igualdade.

Passados mais de dez anos, verificam-se diversos desvios: um o medo à liberdade, outro a distorção mercantil. O medo à liberdade, o medo de exercer a iniciativa e a criatividade manifestaram-se nas normas baixadas. Muitos setores estão acostumados aos intrincados meandros da lei e suas regulamentações, interpretadas e até reescritas por "especialistas". É uma tradição burocrática plurissecular brasileira. O oceano de dúvidas sobre a Lei chegou às praias com pedidos de normatização. Ao mesmo tempo, na continuidade do processo legislativo e nas novas normas estabelecidas por meio de Proposta do Executivo, para organizar, ordenar e compatibilizar a legislação brasileira, novos Projetos foram aprovados para acrescentar, atualizar ou modificar diversos pontos. Todos os Projetos aprovados, pela norma, foram incorporados à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que recebeu parte das modificações em sintonia com as necessidades da sociedade e educação nacionais. No entanto, por outro lado, passou a abrigar até regulamentos sobre o que as instituições educativas deveriam afixar nos seus quadros de avisos. Em parte, dispositivos foram "esquecidos" na prática, ao passo que se incorporaram vários outros, desfigurando parcialmente a intencionada Lei Geral de Educação. Impuseram-se os moldes das tradições históricas, da inércia burocrática, da complexidade dos labirintos normativos, onde "especialistas", causídicos ou quase isto, sabem mover-se e criar soluções (pagas) para fazer e até para iludir o que a lei manda. Mais uma vez Anísio tinha razão: "Tudo legal e tudo muito ruim". Desbravar o novo é realmente difícil.

Outro acontecimento no percurso foi a adoção dos modelos mercantis, a escola como empresa e a educação como bem privado e pago. As redes de escolas básicas e, mais ainda, os grupos de educação superior adotaram o "deus" do mercado, onde se

[1]Recebido 08 junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

procura sufocar a educação como direito e os princípios da igualdade e dignidade humana. Constatadas as grandes possibilidades de mercado e lucratividade da educação particular, partiu-se para a precarização da qualidade e a redução dos custos, onde a educação a distância é nicho preferencial. Grandes grupos empresariais se formaram ante o Estado avaliador, com a sua fragilidade institucional. Os menores custos por aluna.o da educação a distância são como que um ímã irresistível. Então, raramente se pensa em modelos de excelência, sobretudo nos propósitos que inspiraram a Open University e outras similares. Eclipsa-se o emprego do conceito de educação e, em seu lugar, reduz-se à aprendizagem, com as suas competências e habilidades, inclusive chamadas socioemocionais. E assim crescem as matrículas no processo da inflação educacional (Duru-Bellat, 2006): quanto maior o número e mais alto o nível de diplomas, são necessários mais diplomas e mais alto o seu nível para seus portadores se distinguirem da massa e alcançarem posições. Quanto mais esvaziados os diplomas pelo baixo custo por aluno, menor a sua credibilidade e mais diplomas são exigidos (cf., p. ex., Cortelazzo, & Elisei, 2022). Novamente, "tudo legal e tudo muito ruim".

CONCLUSÃO

Dois são os centenários a celebrar: de Paulo Freire e de Darcy Ribeiro. Ambos defensores da escola pública para todos, esculpiram as suas obras de alcance internacional por se incompatibilizarem, como Anísio Teixeira, com Estados autoritários. Lá fora, no exílio, expandiram e diversificaram as suas vivências, cresceram intelectualmente e alcançaram projeção, um como educador, outro como antropólogo e educador. Freire aprofundou-se na filosofia da educação, uma educação como prática da liberdade para o oprimido e pera a descolonização. Em Darcy se entrelaçaram a ciência social, a literatura e as realizações políticas em prol dos mais desfavorecidos. Com suas obras traduzidas para numerosos idiomas, talvez sejam mais lembrados em certos âmbitos do exterior que no Brasil. Frutos de uma sociedade dual, senão múltipla, plena de contrastes, frutificaram na preocupação com os mais vulneráveis. A árvore, plantada no Brasil, espalhou os seus ramos, como longos braços, por outros continentes. Ambos seguiram com rigor a associação entre teorias e práticas.

O projeto educativo de Darcy foi duas vezes desmontado no Estado do Rio de Janeiro. As universidades semeadas pelo mundo persistem, embora com significativas

[1]Recebido 08 junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

distorções em face dos projetos originais. Freire, mais conhecido pelo "método", elaborou e desenvolveu a sua filosofia, na verdade fundamento do "método". Lembro que num congresso internacional, sabendo que eu era do Brasil, vários colegas italianos me abordaram, indagando sobre Freire, então há pouco nomeado secretário de Educação do Município de São Paulo. Havia neles o sentimento "agora, sim, o Brasil dará um grande salto". Tive que explicar-lhes alguns labirintos da política e burocracias públicas nacionais, para terem expectativas mais realistas. Ficaram um pouco decepcionados.

Enfim, as influências de ambos se inscrevem em capítulos da história da educação. A sua presença não está em escolas ou redes completas e, sim, na difusa e duradoura influência do seu pensamento filosófico e nas realizações nele inspiradas. Poderíamos compará-los aos bons semeadores, aqueles que, na parábola, em seu caminho lançam sementes, cujo destino é variável. Três delas fenecem, enquanto uma germina e floresce. Educadores, dos mais ilustres aos mais obscuros, são como bons semeadores. Com a flama da Esperança, lançam as sementes, sabendo que a maioria se perderá, no caso da parábola, na proporção de três para uma. Esta última, cultivada na História, dá frutos e atravessa os tempos.

REFERÊNCIAS

Aronowitz, S. (2000). *The knowledge factory: Dismantling the corporate university and creating true higher learning.* Boston, Beacon.

Bomeny, H. (2001). *Darcy Ribeiro. Sociologia de um indisciplinado.* Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais.

Charlot, B. (2020). *Educação ou barbárie: Uma escolha para a sociedade contemporânea.* São Paulo, Cortez.

Charlot, V., & Charlot, B. (2021). A oposição do Grupo Globo à execução do Projeto dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs): os conceitos de hegemonia, indústria cultural e educação popular em consonância com a teoria bourdieusiana. **In:** *Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, Anais, 15*(3), São Cristóvão, Sergipe, p. 1-21. DOI: https://dsc.doi.org/10.29380/2021.15.03.19.

Cortelazzo, A.L., & Elisei, C.C.A. (2022). Desempenho dos estudantes de cursos

[1]Recebido 08 junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

presenciais e a distância no Enade em 2015, 2016 e 2017. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 30(114): 207-231.

De Gaulejac, V. (2007). *Gestão como doença social: Ideologia, poder gerencialista e fragmentação social.* 3ª ed. Aparecida, São Paulo, Ideias & Letras.

Dewey, J. (1978). *Vida e educação: I. A criança e o programa escolar; II. Interesse e esforço.* 10ª ed. São Paulo, Melhoramentos; Rio de Janeiro, Fundação Nacional de Material Escolar.

Dewey, J. (1979). *Experience and education.* Nova Iorque, Collier.

Duru-Bellat, M. (2006). *L'inflation scolaire: Les désillusions de la méritocratie.* Paris, Éditions du Seuil.

Faria, L. (2017). A utopia possível: revisitando os CIEPs do Rio de Janeiro. *Revista Artes de Educar*, 3(2):98-112.

Freire, P. (1969). *A educação como prática da liberdade.* Rio de Janeiro, Paz e Terra.

Freire, P. (1975). *Pedagogia do oprimido.* Rio de Janeiro, Paz e Terra.

Giroux, H.A. (2010). Rethinking education as the practice of freedom: Paulo Freire and the promise of critical pedagogy. *Policy Futures in Education, 8*(6): 715-721.

Gomes, C.A. (2010). *Darcy Ribeiro.* Recife, Massangana (Col. Educadores, Ministério da Educação, Fundação Joaquim Nabuco).

Jaguaribe, H. (1976). *Desenvolvimento económico e desenvolvimento político: Do nacionalismo ao desenvolvimentismo.* Rio de Janeiro, Fundo de Cultura.

Labaree, D.F. (2010). *Someone has to fail: The zero-sum game of public schooling.* Cambridge, Massachussetts.

Lévi-Strauss, C. (2001). *Tristes tropiques.* Paris, Terre Humaine Poche.

Madero, C. (2015). Theological dynamics of Paulo Freire's educational theory: An essay to assist the work of Catholic educators. *International Studies of Catholic Education, 7*(2): 122-133.

Mignot, A.C.V. (2001). Escolas na vitrine: Centros Integrados de Educação Pública (1983-1987), *Estudos Avançados,* 15(24): 153-168.

Musso, P. (2019). *Le temps de l'État-Entreprise: Berlusconi, Trump, Macron.* Paris, Fayard.

[1]Recebido 08 junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022

Ribeiro, D. (1986). *O livro dos CIEPS.* Rio de Janeiro, Bloch.

Ribeiro, D. (1991). Aspectos culturais do fracasso educacional brasileiro. **In:** Cademartori, L**. (Ed.).** *O desafio da escola básica: qualidade e equidade* (pp. 97-117).

Ribeiro, D. (1995). Dr. Anísio. *Carta: Falas, Reflexões, Memórias, 14*(1): 33-36.

Ribeiro, D. (1995 a). *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil.* São Paulo, Companhia das Letras.

Sartre, J.-P. (1966). Existentialism is a humanism**. In** G. Novack **(Ed).**, Existentialism *versus* Marxism: conflicting views on humanism (pp. 70-84). Nova Iorque, Delta.

Shin, H (2022) Social contagion of academic behavior: Comparing social networks of close friends and admired peers. *PLoS ONE, 17*(3): e0265385. https://doi.org/10.1371/journal.ponde.0265385.

Simmel, G. (2012). El extranjero. **In:** Ramos, O.S. **(Ed.).** *El extranjero: Sociología del extraño* (pp. 21-26). Madri, Sequitur.

Torres, C.A. (1993). From the *Pedagogy of the oppressed* to *A luta continua:* the political pedagogy of Paulo Freire. **In:** McLaren, P., & Lonard, P. **(Eds.).** *Paulo Freire: A critical encounter* (pp. 119-144). Londres, Routledge.

[1]Recebido 08 junho 2022
Publicado 08 dezembro 2022